

O REGIONALISMO PRESENTE NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS.

SANTOS, Marilene.

SANTOS, Josane Cristina Batista (orientadora)
Graduada em Letras e História, Mestre em Literatura Brasileira, Professora dos
Cursos de Letras e História da Universidade Tiradentes - UNIT

RESUMO:

O regionalismo de Graciliano Ramos é o reflexo da ampla experiência de vida, que ele adquiriu ao longo dos anos, fundamentalmente no Nordeste. Tem como proposta, além de mostrar o sertanejo sem retoque, sem máscara, com suas precariedades, vícios, e virtudes, fazer uma crítica social à classe dominante, – os latifundiários - que tanto exploravam o trabalhador rural. Toda a sua obra está basicamente voltada para o social, na qual, evidentemente, o homem é o centro de sua atenção. Aliás, é este fato que será constatado neste artigo, em cuja proposta está incluída a de enfatizar o olhar e o falar críticos e exatos de Graciliano Ramos dentro de um contexto regionalista.

Palavras-chave: Regionalismo. Sertanejo. Crítica Social. Seca.

O REGIONALISMO PRESENTE NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS

O tema deste artigo surgiu a partir de um interesse pessoal em conhecer melhor a obra do autor e, ao mesmo tempo, comprovar esse aspecto presente no romancista, para então fazer uma abordagem de caráter impessoal sobre os conhecimentos adquiridos durante um cuidadoso processo de pesquisa bibliográfica de autores e críticos da nossa literatura e, principalmente, de leitura de alguns romances de Graciliano Ramos, dos quais foram feitas análises, no sentido de se reafirmar a sua tendência regionalística. Este trabalho se desenvolverá portanto, à medida em que forem feitas citações diretas e indiretas desses autores, bem como os trechos desses romances nos quais estejam inseridos os aspectos relevantes ao tema em estudo. Porém, no intuito de enriquecer ainda mais o teor deste artigo, na medida em que o torne mais esclarecedor, será feita uma breve abordagem ao regionalismo da vertente anterior ao Realismo – o Romantismo.

O REGIONALISMO DOS ROMÂNTICOS

O romance regionalista do Brasil veio para suprir a sua necessidade romântica de ter o seu espaço brasileiro, dando um sentido nacional à nossa Literatura que até então encontrava-se europeizada devido às influências oriundas das idéias estrangeiras de Jean-Jacques Rousseau, Chateaubriand e James Fenimore que escreveram obras indianistas as quais inspiraram o indianismo de José de Alencar, autor das principais obras indianistas do Brasil. Há também na nossa literatura, duas epopéias que são obras influenciadas pelo indianismo: *Caramuru* de Santa Rita Durão e *Uruguai* de Basílio da Gama, nas quais o índio é adotado para as narrativas.

O indianismo foi uma vertente de grande importância e prestígio na Literatura Brasileira, até porque, foi através dele que após a Independência do Brasil, a sociedade brasileira teve as suas características afirmadas, mas apesar disso, precisou ser substituído pelo sertanismo, que foi uma forma de regionalismo na qual eram registradas as diversidades culturais brasileiras, mostrando um Brasil verdadeiro e original. Essa mudança ocorreu quando o indianismo ainda estava em fase de desenvolvimento, pois, na concepção dos românticos da época, era urgente que se fizesse essa substituição, no intuito de transportar para a ficção romântica, um sentido totalmente nacional, abolindo da literatura, a cidade e o litoral tão influenciados pelas coisas da Europa.

Os principais românticos regionalistas, também chamados sertanistas, são: Bernardo Guimarães com as obras *O Seminarista* (1872), *o Garimpeiro* (1872) e *A Escrava Isaura*; Visconde de Taunay com a obra *Inocência* (1872); José de Alencar com *O Gaúcho* (1870) e *O Sertanejo* (1875) e Franklin Távora com as obras *O Cabeleira* (1876) e *O Matuto*.

Esses românticos puderam transmitir, através dos seus trabalhos, o grande esforço feito pela literatura, para superar as influências dos moldes europeus. Eles logo perceberam que o índio, o personagem do romance indianista não era o único com atributos característicos necessários para representar o Brasil. Por isso inseriam também o homem do interior, o sertanejo que trabalha na terra, que assim se enquadrava em tudo o que os românticos queriam mostrar com a sua nova proposta.

Eles diferenciavam o ambiente usando o que havia de exótico nele, a exuberância da natureza, o grande e maravilhoso cenário e toda a pompa dos aspectos rurais. Como isso eles queriam afirmar que o Brasil era aquilo e não o que a cidade transmitia.

“E levam tão longe essa afirmação de brasilidade que são tentados a reconstituir o quadro dos costumes”.(SODRÉ, 1995, p. 418)

A prosa regionalista tem o seu valor garantido na Literatura Brasileira pela sua capacidade de dar muitos frutos e se desenvolveu ao longo do século XX com a produção de obras importantes representando as diversas regiões do país. No Nordeste são apresentados os problemas da seca e o domínio do latifúndio; os pampas gaúchos; o sertão do centro-oeste; a zona baiana do cacau etc.

É importante observar que nem sempre os regionalistas conheciam pessoalmente as regiões das quais tratavam em seus romances, por isso baseavam-se em informações indiretas, tiradas de outras fontes. As muitas histórias presentes no interior do Brasil, os costumes diferentes das cidades compõem o tema narrativo da ficção regionalista.

“Os animais, o roçado, os ciclos da natureza, tudo passa a ter presença importante na prosa regionalista romântica como representação de mais um aspecto da nacionalidade brasileira”. (SODRÉ, 1995, p. 419)

Entretanto, pode-se afirmar que o regionalismo é original, é brasileiro, pois não é fruto de idéias estrangeiras, ao contrario, criou o seu próprio padrão.

A PROSA REGIONALISTA

A geração de 22 deu início às mudanças nas formas narrativas herdadas do Realismo. A geração de 1930, por sua vez, retomou a prosa realista, mas renovada pelas conquistas do Modernismo.

Então desenvolveu-se a prosa intimista, enriquecida agora pela sondagem do inconsciente, procedimento adotado a partir dos Vanguardas Europeias, principalmente o Surrealismo. Mas foi a prosa regionalista rural e urbana, caracterizada pela visão crítica das

relações sociais, pelo uso da linguagem oral, pelos brasileirismo e pela renovação sintática, o principal destaque dessa fase.

Apesar de haver romancistas em várias regiões do país, os do Nordeste foram os que mais cultivaram esse tipo de prosa. Distante da evolução industrial e da ebulição cultural do Rio de Janeiro e de São Paulo, o Nordeste continuava ligado às velhas estruturas agrárias, cujo processo de decadência foi mostrado em romances fortes e rudes.

Em 1928, José Américo de Almeida publicou *A Bagaceira*, baseado nos temas da seca e da miséria do trabalho rural, ao qual se seguiu *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, cujo centro é o drama de uma família de retirantes, publicado em 1930. Dessa forma, deu-se o início do ciclo do romance regionalista brasileiro do Norte, no qual estão inseridos, Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e outros, com a proposta de conscientização, denunciando questões sociais.

Na maioria dos romances regionalistas dos anos 30, a principal abordagem é do homem oprimido por um rude esquema de trabalho, sob a autoridade dos grandes latifundiários que oprimem os lavradores; são senhores de engenho que mantêm cangaceiros a seu serviço; são grandes fazendas de cacau, onde o homem do campo se encontra em estado miserável. Trata-se do homem sertanejo, com toda a sua força da terra.

A típica linguagem regional foi alvo da grande preocupação dos romancistas regionalistas. Assim, o vocabulário próprio de cada região foi aproveitando, realçando essa literatura de caráter social.

O REGIONALISMO PRESENTE NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS

De modo geral, os romances de Graciliano Ramos são caracterizados pela forma com que ele relaciona as condições sociais e a psicologia das personagens, e a isso ele ainda

acrescenta o seu estilo de linguagem que é “seca”, desprovida de adjetivos qualificativos e composta de curtos períodos, pois ele dispensa as palavras supérfluas, os exageros verbais, para dizer apenas o essencial, sem no entanto, comprometer a forte expressão e a sua impecabilidade no trato da língua portuguesa, também presente em sua obra. A sua sintaxe é clássica, polida, diferente da sintaxe livre pretendida pelos modernistas. Jorge Amado, um dos seus contemporâneos, assim a Graciliano se refere:

Graciliano foi, entre os escritores do movimento de 30, o que mais se aproximou da perfeição ante a justeza, a correção da língua portuguesa por ele escrita, nós, os outros ficcionistas do nordeste, somos uns bárbaros. Esse sertanejo de Palmeira dos Índios nasceu clássico, um clássico brasileiro. (AZEVEDO, 1992, p.11)

Além de tudo isso, o regionalismo de Graciliano Ramos é mais duro e decisivo que os demais autores, porque trouxe para a nossa literatura um Nordeste natural, sem enfeites, no qual o homem não é somente produto do meio hostil, mas alguém que procura acima de tudo perceber e compreender a si mesmo e a realidade que o cerca. Por isso a sua ficção é mais madura e pura, e ele sintetiza perfeitamente os dois principais procedimentos adotados pelos modernistas no Brasil. É visto como o autor que levou ao extremo a atmosfera de tensão contida nas relações homem/meio natural, homem/meio social e, essa tensão gera um intenso conflito capaz de moldar personalidades e de transformar o que os homens têm de bom. Dentro desse contexto de “violência”, a morte está sempre presente, o que explica a existência de suicídios em *Caetés* e *São Bernardo*, um assassinato em *Angústia*, e as mortes do papagaio e da cadela Baleia em *Vidas Secas*.

Em seus romances a lei maior é a da selva. Portanto, a luta pela sobrevivência parece ser o grande ponto de contato entre todos os personagens. Em consequência, uma palavra se repete em toda a obra do escritor: bicho, ou ainda, como no início de *Vidas Secas*, viventes, aqueles que só têm uma coisa a defender – a vida.

(TERRA, NICOLA, 2005, p. 507)

Graciliano Ramos era nordestino de Alagoas, nasceu em 1892. Filho de comerciante e ligado à família de fazendeiros, teve que passar a sua infância peregrinando entre Alagoas e Pernambuco por causa do trabalho do seu pai a que também o impossibilitou de fazer um curso superior, tendo cursado somente até o secundário. Fixou-se em Palmeira dos Índios, mas aventurou-se no Rio de Janeiro e, não dando certo o que ele pretendia nessa terra, retornou à sua terra natal a qual lhe forneceria cenário e tipos para os seus romances, assim como os sertões do Nordeste. Em 1933, três anos depois que se mudou para Maceió, ocupou cargo de diretor da imprensa oficial do Estado. Nessa época, ele dá início à elaboração de *São Bernardo* e *Angústia*. Chegou a ir preso por ter se envolvido com acontecimentos políticos, acusado de comunismo. Fora enviado para Pernambuco e depois para o Rio de Janeiro. Encarcerado, viveu uma experiência dolorosa a qual lhe deu conteúdo para escrever um livro publicado postumamente, cujo título é *Memórias do Cárcere*, no qual ele relata o seu tempo de prisão e faz uma dramática denúncia das injustiças cometidas pelo Estado Novo. Essa obra vai além do sentido pessoal, atingindo o plano universal na medida em que faz denúncia da injustiça e da humilhação impostas por um regime autoritário. Ainda na prisão, lançou *Angústia* e em seguida dedicou-se a escrever *Vidas Secas*. Cultivou também o canto, recompôs narrativas populares do Nordeste, escreveu *Memórias da infância* e, já às vésperas da morte, a propósito de uma visita aos países socialistas, escreveu *Viagem*, de publicação póstuma.

Quando o escritor iniciou a sua carreira já estava bem maduro, tinha 41 anos e uma boa bagagem de experiência de vida, adquiridas ao longo dos seus anos vividos, os quais ele traz para a sua obra, junto à perspectiva de denunciar as condições precárias da vida nordestina. Aliás, a composição de sua obra é fruto de um processo de seleção muito rigoroso que depende fundamentalmente da sua experiência notadamente sertaneja. Fazendo uma comparação entre os seus romances e o seu livro de memórias – *Infância* – percebe-se

que a sua obra está em grande parte presa à percepção inicial de seu mundo, durante a infância e adolescência. Mas, apesar do peso da experiência contida em sua obra, ele faz uma análise fria do seu mundo de origem, mesmo sendo descendente por parte de pai e mãe de senhores rurais. Provavelmente, isso ocorreu devido à consciência do atraso do país, tão freqüente aos intelectuais da época, como também a certas experiências infantis, próprias da sociedade patriarcal, as quais lhe despertaram a sensibilidade às misérias da realidade social. Sobre esse assunto, há uma passagem marcante em *Infância*, narrativa de teor autobiográfico. Esse livro compõe-se de aspectos da paisagem do Nordeste agreste, das zonas agropecuárias, ligados a pequenos centros urbanos.

O romancista não participou do movimento regionalista de Recife, realizado em 1926, mas como tinha um relacionamento de amizade com os escritores vanguardistas do Nordeste, contemporâneos seus, também escritores regionalistas – José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado - não ficou desinformado com relação às manifestações inovadoras das artes e, em especial à literatura, na década de 20. Como fato comprobatório disso, a literatura brasileira tem *Caetés*, que foi o seu primeiro romance, publicado em 1933, escrito em 1925, ainda com técnicas naturalistas, com estilo despojado, através do qual Graciliano estréia no espaço literário brasileiro, já recebendo a classificação de regionalista.

Esse romance é um relato do ambiente medíocre provinciano de uma pequena cidade do interior do nordeste, geradora de tipos mesquinhos. É narrado em 1ª pessoa como as suas outras obras, com exceção de *Vidas Secas*.

Trata-se de um caso de adultério entre Luíza, uma mulher jovem e bonita, casada com Adrião Teixeira, um velho reumático, sócio proprietário de uma firma, e João Valério que também é sócio dessa firma. O velho descobre o caso de adultério da sua esposa com o João Valério, através de uma carta anônima e, para resolver essa situação de forma

“honrosa”, ele busca a confissão de João Valério, este por sua vez, nega por amor a Luíza, mas se afasta dela, apesar de permanecer sócio da firma.

Nesse romance, João Valério acaba se auto-identificando com a selvageria dos índios *caetés*, que andavam nus e comiam gente.

A SINTAXE REGIONAL EM CAETÉS

Não há nessa obra nenhum aproveitamento de traço que caracterize a sintaxe regional, seja da popular, seja do coloquialismo brasileiro. Nesse aspecto, Graciliano Ramos se restringe à correção gramatical, ao padrão da norma culta.

ELEMENTOS DA CULTURA REGIONAL NORDESTINA PRESENTE EM CAETÉS

a) Alimentos:

1. “Que fim terá levado a Maria do Carmo? Gosto dela. Se não fosse tão descarada ... Enfim cada qual como Deus o fez, que a gente não é rapadura, para sair tudo igual” (RAMOS, 1996, p. 112)

2. “ __ Que pena não estar aqui o Dr. Liberato! Para entender de caruru, vatapá, essas trapalhadas da Bahia, não há outro” (RAMOS, 1996, p. 166).

b) Comportamentos:

1. “Creio que eram como os fazendeiros sertanejos, que em camisas e ceroulas, cortando a carne a facão e batendo o osso a macete. Tudo aqui é diferente. Não há semelhança nenhuma”. (RAMOS, 1996, p. 161).

Aqui, uma comparação entre varões bíblicos e fazendeiros sertanejos, em sua rusticidade habitual, atualmente ainda observada.

2. “Marta descreveu ao Miranda a entronização do Sagrado Coração de Jesus em casa de D. Emiliana Teixeira. [...] Uma entronização, ontem, festa de muita piedade”. (RAMOS, 1996, p.164).

A entronização do Coração de Jesus era a alguns anos, uma das mais fortes manifestações religiosas da região Nordeste, renovadas a cada ano. Era também, como o romance expressa, um pretexto de festa e de reunião social.

3. “O animal aprende cartilha e fica sendo consultos lá no sítio. Torna-se mandrião, fala difícil, lê o Lunário Perpétuo e o Carlos Magno, à noite, na esteira, para a família reunida em torno da candeia” (RAMOS, 1996, p. 165)

“A leitura de Carlos Magno (e os doze pares de França) constitui-se num dos hábitos mais marcantes da vida nordestina”.(AZEVEDO, 1992, p. 41)

4. “Onde estaria Luíza, que desaparecera depois da enxaqueca? Talvez lá para dentro, com a cunhada parálitica, ensinando-lhe remédios ou lendo a correspondência do padre Cícero, que a boa senhora recebe com regularidade. Ainda espera arribar, coitada. Com as receitas do Padre Cícero” (RAMOS, 1996, p. 170).

Faz parte da história nordestina o fato da população, principalmente nordestina, escrever para Padre Cícero, buscando receitas para curar doenças. O reconhecimento dessa correspondência resultou numa publicação, reflexo mais da credence nordestina.

TERMOS E EXPRESSÕES POPULARES / REGIONAIS EM CAETÉS.

1. ARENGA (RAMOS, 1996, p. 126): bate-boca, discussão, (DPI)/ brasileirismo
NDLP

2. ARRECEAR (RAMOS, 1996, p. 271): corruptela de recera. (DPI)

3. ARRELIADO (RAMOS, 1996, p. 278): zangado chateado. (DPI) familiar
4. BAITA (RAMOS, 1996, p. 151): muito grande. NDLP – bras. País, segundo, pelo menos em boa parte do país, segundo AURÉLIO.
5. BABUJAR (RAMOS, 1996, p. 171, 237): abocanhar, lambar, beijar babando. (DPI)
6. BIRRA (RAMOS, 1996, p. 234): implicância, (DPI).
7. BUCHADA (RAMOS, 1996, p. 183): vísceras, panelada. (DPI)
8. CACETEADO (RAMOS, 1996, p. 196): chateado, importuno. DPI – bras. / NDLP – bras.
9. BIRRA (p. 272): (ser) sem sorte, azarento. (DPI – bras. / NDLP – bras.)
10. CAVAQUEAR (RAMOS, 1996, p. 86): palestrar, lamentar-se DPI – fam/ NDPI – fam.
11. DEZEMBESTADO (RAMOS, 1996, p. 276): em disparada. (DPI)
12. ENGROLAR (RAMOS, 1996, p. 108): (__ uma explicação): falar pouco inteligível. (DPI)
13. FUINHA (rosto de -): individuo de cara estreita e cumprida. (DPI)
14. GROGUE (RAMOS, 1996, p. 196): trago de bebida alcoólica. (DPI)
15. LAMBANÇA (RAMOS, 1996, p. 117): gabolice, bazofia, arruaça.
16. MACETE (RAMOS, 1996, p. 161): martelo de madeira. (DPI)
17. MADORNA (RAMOS, 1996, p. 176): soneca, cochilo (DPI)
18. POTOCA (RAMOS, 1996, p. 128, 209): mentira, lorota, conversa fiada. NDLP – bras.
19. QUENGO (RAMOS, 1996, p. 117): cabeça, crânio, inteligência, NDLP: bras. – pop: cabeça. Crânio; bras. Nordeste: vasilha
20. RAPAPÉ (RAMOS, 1996, p. 105): agrado exagerado, adulação (DPI)

Caetés apresenta um vocabulário popular e regional, mas não agride o leitor, por ser ameno e também adequado ao nível social e à psicologia dos personagens, isto é, trata-se de um vocabulário simples e até rústico, mas não é rude, nem grosseiro, nem agressivo.

No romance de Graciliano Ramos, a figura central é o homem, ao invés da paisagem. Esta, por sua vez, aparece para completar a composição do cenário com características tipicamente sertanejas/nordestinas. Na sua obra, é o homem quem é investigado nas suas ligações com uma determinada matriz regional, porém, focalizada sobretudo no drama infértil de cada destino.

Com isso, o romancista confere uma dimensão de universalidade à pesquisa regionalista em sub-regiões nordestinas, superando a atitude do simples depoimento ou relato, tão freqüente quanto característico de muitos que escreveram sobre elas. O expositivo cede lugar à síntese. E nesse caso, a linguagem é importante, desde a frase concisa, clara, correta e reduzida aos elementos essenciais, até o vocabulário meticulosamente escolhido. O romancista coloca-se numa posição de relêvo no romance modernista brasileiro, mas se entronca, sob este aspecto, na linguagem machadiana. (CANDIDO, 1992, p. 296)

A segunda obra de Graciliano Ramos é *São Bernardo* que foi escrito em 1932 – ano em que se tornou amigo de José Lins do Rego, Jorge Amado e Rachel de Queiroz – e publicada em 1934. Esse romance também é regionalista e considerado uma obra-prima do autor, porém escrito conforme o tema e tendências próprias sem imposição regional e documental.

São Bernardo narra a história de Paulo Honório, um homem enjeitado que não conhecera seus pais, pouco se recordava de sua infância, a não ser o fato de ter sido guia de um cego que o maltratava, e protegido por uma velha magra – Margarida que, com cem anos ainda era viva. Paulo Honório é um personagem de temperamento dominador e de ambição descontrolada, que viveu uma vida de privações e violência e, torna-se dono da fazenda na qual outrora trabalhara na enxada. Como decide constituir família, casa-se com

Madalena, professora pobre e de coração bom. Paulo Honório, devido ao costume da vida de brutalidade e às relações de dominação, maltrata e persegue a sua esposa com um ciúme desmedido, obsessivo e cada vez mais agressivo. O casal não se entende porque os valores de Paulo Honório e os de Madalena são diferentes. Como ele deseja, nasce-lhes um filho, mas a situação do casal permanece do mesmo jeito. Depois de mais uma cena de ciúme de Paulo Honório por Madalena, esta suicida-se deixando sós o marido e o filho. Roído pela dor, frustração e remorso, Paulo Honório, numa tentativa de recuperar o equilíbrio, escreve uma narrativa de sua tragédia e, num clima de pesadelo, ele acerta as contas consigo mesmo.

Como é inerente ao romancista Graciliano Ramos, em *São Bernardo* ele faz uma análise psicológica do personagem Paulo Honório, levando em conta o meio e o passado dos quais ele fazia parte com toda a sua problemática social.

Quando *São Bernardo* ainda estava sendo escrito, já havia na mente do autor, a intenção de escrevê-lo utilizando palavras e expressões próprias da região Nordeste. Essa intenção fica explícita no teor de algumas cartas escritas por Graciliano à sua esposa Heloísa de Medeiros Ramos, que estava em Maceió no ano de 1932, quando *São Bernardo* estava sendo escrito. Eis dois pequenos trechos de uma dessas cartas, mas, suficientes para comprovar, a intenção do autor:

“Vai sair uma obra-prima em língua de sertanejo, cheia de termos descabelados”.

(apud RAMOS, AZEVEDO, 1992, p. 103)

“Encontrei muitas coisas boas das coisas do nordeste, que nunca foram publicadas, e meti tudo no livro. Julgo que produzirão bom efeito”.

(apud RAMOS, AZEVEDO, 1992, p. 103)

Assim como ele intencionou, escreveu *São Bernardo*, nele mostrando aspectos do regionalismo do sertão nordestino, conforme pode-se comprovar através de palavras, expressões, frases, descrições, contidas na obra e citadas a seguir, neste artigo.

1. Palavras:

a) LESEIRA, (RAMOS, 1996, p. 155): tolice

b) MATUTANDO, (RAMOS, 1996, p. 159): pensando ou refletindo, cismando.

c) MOLAMBO, (RAMOS, 1996, p. 110): no dicionário de AURÉLIO significa pano velho. No contexto do romance, quer dizer alguém imprestável, sem valor, uma comparação ao pano velho.

d) NINHARIA, (RAMOS, 1996, p. 110): coisa sem valor sem préstimo, bagatela, bugiganga, insignificância.

e) PONTAPÉ, (RAMOS, 1996, p. 110): Pontada com a ponta do pé.

f) POTOQUE, (RAMOS, 1996, p. 8): Mentira

2. EXPRESSÕES OU FRASES

1. “Você acanalhou o troço” (RAMOS, 1996, p. 7)

2. “Se afogando em pouca água” (RAMOS, 1996, p. 110)

3. “Perdi os estribos” (RAMOS, 1996, p. 110)

4. “... três ou quatro muxiões num cabra” (RAMOS, 1996, p. 110)

5. “o mingau virou água” (RAMOS, 1996, p. 7)

6. “Passou-me um esbregue” (RAMOS, 1996, p. 13)

7. “Tinha obrigações em penca” (RAMOS, 1996, p. 13)

8. “Vamos ver quem tem roupa na mochila” (RAMOS, 1996, p. 13)
9. “Agora eu lhe mostro com quantos paus se faz uma canoa” (RAMOS, 1996, p.

13)

10. “Aperruei meia hora ...” (RAMOS, 1996, p. 15)

11. “... tocar fogo na binga” (RAMOS, 1996, p. 22)

Essas frases e expressões estão inseridas na linguagem popular nordestina.

3- DESCRIÇÃO DE COMPORTAMENTO

Á noite, enquanto a negrada sambava num forrobodó empestado, levantando poeira na sala, e a música de zabumba e pifanos tocava o hino nacional, Padilha andava com um lote de caboclas fazendo voltas em redor de um tacho de canjica, no pátio que os muçamês invadiam. (RAMOS, 1996, p. 18)

Nas noites de São João uma fogueira enorme iluminava a casa de seu Ribeiro. Havia fogueira diante das outras casas, mas a fogueira do major tinha muitas carradas de lenha. As moças e os rapazes andavam em redor dela, de braços dados. Assava-se milho verde nas brasas e davam-se tiros de bacamarte. O major possuía um bacamarte, mas o bacamarte só se desenferujava pelos festejos de São João. (RAMOS, 1996, p. 18)

Nos dois trechos acima apresentados são mostrados:

a) comportamentos: “... a negrada sambava num forrobodó empestado; fazer voltas em redor de um tacho de canjica; as moças e os rapazes andarem em redor da fogueira, de braços dados; assar milho verde nas brasas e dar tiros de bacamarte”. (RAMOS, 1996,p. 18)

b) palavras e expressões: forrobodó empestado, levantando a poeira, caboclas, tacho de canjica.

c) elementos: zabumba, fogueira, bacamarte, milho verde. (RAMOS, 1996, p. 18)

d) entretenimento: forrobodó, festa de São João.

Todos esses elementos fazem parte da cultura popular nordestina.

O romancista intui admiravelmente a condição sub-humana do caboclo sertanejo, com a sua consciência embotada, e sua inteligência retardada, as suas reações devidas a reflexos condicionados por um sofrimento secular, por sua vez determinado pelas relações do homem com a sua própria paisagem e passividade ante os mais poderosos. Dessa maneira, ao investigar o sentido de um destino coletivo, ele nos dá realmente a medida do homem telúrico no seu estado primário, autômato e passivamente indiferente, nivelando-se com animais, árvores e objetos. Esse protótipo e essa condição infra-humana aparecem no primeiro ou no segundo plano de quase todos os seus livros. A eles se sobrepõe um outro tipo de sertanejo, de sentimento trágico e fatalista, que pensa friamente enquanto aceita como inevitáveis os fatos consumados.

(CANDIDO, 1992, p. 296)

Sob esse aspecto, inclui-se *Vidas Secas*, em mais um romance regionalista de Graciliano Ramos, com marcas profundas do sertão do Nordeste, em cujo teor estão incluídos aspectos pertinentes a essa região.

É o único romance do autor narrado em terceira pessoa. Nessa obra o autor trabalha o tema da seca, fazendo uma narrativa do sofrimento de uma família nordestina. Esta família sofre as conseqüências da seca e dela tenta fugir instintivamente. Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais velho e o menino mais novo formam essa família de retirantes, além do papagaio e cadela Baleia, que saem sertão a fora em busca de uma vida melhor, pois eles anseiam superar a miséria e a solidão. Até que um dia a família parece encontrar um relativo aconchego, quando encontra no seu caminho uma casa, na qual parece ficaria por toda a vida. Entretanto, os problemas vão aparecendo, como por exemplo e principalmente o problema do patrão de Fabiano, que vive explorando a ingenuidade dele, fazendo contas erradas para enganá-lo e tirar vantagens sobre ele.

A família não dispõe de habilidade para se comunicar verbalmente e isto mostra o primarismo e a pobreza de sua existência. Os personagens se expressam principalmente por meio de grunhidos, gritos, interjeições guturais, onomatopéias, resmungos enfim. Muitas

vezes, esses modos de comunicar são substituídos por olhares, gestos, ou um simples movimento dos lábios.

Eis a seguir, alguns elementos comprobatórios retirados da obra *Vidas Secas*, no intuito de destacar as características regionais nela presentes.

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. (RAMOS, 2004, p. 9)

Nessa narração descritiva, um cenário típico do sertão nordestino.

“Tinha andado a procurar raízes, à toa: o resto da farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdida na catinga. Sinhá Vitória queimando assento no chão ...” (RAMOS, 2004, p. 11)

Nesse trecho a fome proveniente da seca do Nordeste está implícita. Encontram-se também alguns alimentos, que são tipicamente nordestinos, como exemplo: raízes, farinha, um berro de rês. A caatinga também é um elemento tipicamente nordestino, que está ligado à seca.

“Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama”. (RAMOS, 2004, p. 14)

“A lua estava cercada de um halo cor de leite. Ia chover bem. A catinga ressuscitaria, a semente do gado que voltaria ao curral, ele Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos,

vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde.” (RAMOS, 2004, p. 15)

“Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo tinham-se acostumado, mas seria agradável dormir numa de lastro de couro, como outras pessoas”. (RAMOS, 2004, p. 40)

“Naquele momento Fabiano lhe causava grande admiração. Metido nos couros, de perneiras, gibão e guarda-peito, era a criatura mais importante do mundo” (RAMOS, 2004, p. 47)

Nos três últimos trechos que se seguiram, fala-se dos sonhos de Fabiano em proporcionar uma vida de fartura à sua família, do sonho de sinhá Vitória em deixar de dormir na cama de vara e adquirir uma cama de lastro de couro e, o do menino mais novo que é tornar-se igual ao pai quando crescer.

São todos sonhos simples, de pessoas cujas perspectivas de vidas são poucas e quase impossíveis de se realizarem, devido ao meio precário em que vivem e à vida miserável que levam.

A cocorada junto às pedras que serviam de trepe, a saia de ramagens entalada entre as coxas, sinhá Vitória soprava o fogo. Uma nuvem de cinza voou dos tições e cobriu-lhe a cara, a fumaça inundou-lhe a cara, a fumaça inundou-lhe os olhos, o rosário de contas brancas e azuis despreendeu-se do cabeção e bateu na panela. (RAMOS, 2004, p. 39).

“Agachou-se, atçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar canudo de taquari cheio de sarro”. (RAMOS, 2004, p. 42)

“... baixou-se, cruzou dois gravetos no chão e rezou. Se o bicho não estivesse morto, voltaria para o curral, que a oração era forte”. (RAMOS, 2004, p. 17)

Nos três últimos trechos, são apresentados aspectos comportamentais do nordestino, envolvendo hábitos corriqueiros como o de ficar de cócoras com a saia entre as coxas (se for uma mulher), enquanto sopra ou abana o fogo de lenha, acender e fumar o cachimbo, rezar e praticar superstições para curar até mesmo um animal, desenvolvendo assim o misticismo, a religiosidade tipicamente nordestina. Inclusive, perceber-se no primeiro dos três últimos trechos, “o rosário branco e azul” usado por Sinhá Vitória, simbolizando o misticismo religioso, a fé, que também compõem os aspectos regionalistas nordestinos do povo sertanejo, presentes na obra de Graciliano Ramos.

É inegável ainda que se queira contestar, a autenticidade do regionalismo de Graciliano Ramos. Um breve contato com uma das suas obras, é o suficiente para se constatar aquilo que ao longo da sua vida literária, essencialmente influenciada por toda a sua experiência de vida basicamente sertaneja, já fora registrado e consagrado através do seu trabalho e talento, desempenhados no âmbito da literatura brasileira. Entretanto, ainda cabe salientar que, após conhecer o trabalho desse escritor de qualidades e características tão exclusivas e notáveis, é possível perceber também a sua personalidade marcante, implícita em toda a sua obra literária, talvez pelo fato de não estar preso às imposições de gênero algum, ou de não se preocupar em provar o que quer que fosse, ainda que, em alguns aspectos, se assemelhasse a Machado de Assis, mas, de maneira natural, foi de fato aquilo que mostrou ser – um grande escritor regionalista.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Noroaldo Pontes: org. **100 anos Graciliano Ramos**. João Pessoa: CCHLA/Idéia, 1992

CANDIDO, Antonio: **Ficção e Confissão – Estudo sobre a obra de Graciliano Ramos**. 2 ed. Rio de Janeiro, Agir, 1961.

GONZAGA; Sergius: **Curso de literatura brasileira**. Porto Alegre: Editora Leitura XXI, 2004.

PICCHIO, Luciana Stegagno: **História da literatura brasileira**. 2 ed. (Revista e Ampliada). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira: história e crítica**, 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

RAMOS, Graciliano. **Caetés**. 26 ed. Rio de Janeiro: Record. 1996.

_____. **São Bernardo**. 66 ed. Rio de Janeiro Record, 1996

_____. **Vidas Secas**. 93 ed. Rio de Janeiro Record, 2004

TERRA, Hernani; Nicola, José de: **De olho no trabalho: gramática, literatura e produção de texto**. 3 ed. (Revista e Ampliada). Rio de Janeiro: Scipione – 2005.